

MURILO RUBIÃO

Obra completa



COMPANHIA DE BOLSO

SUMÁRIO

Vida e obra de Murilo Rubião

O pirotécnico Zacarias
O ex-mágico da Taberna Minhota
Bárbara
A cidade
Ofélia, meu cachimbo e o mar
A flor de vidro
Os dragões
Teleco, o coelhinho
O edifício
O lodo
A fila
A Casa do Girassol Vermelho
Alfredo
Marina, a Intangível
Os três nomes de Godofredo
Memórias do contabilista Pedro Inácio
Bruma (a estrela vermelha)
D. José não era
A Lua
A armadilha
O bloqueio
A diáspora
O homem do boné cinzento
Mariazinha
Elisa
A noiva da casa azul

O bom amigo Batista

Epidólia

Petúnia

Aglaia

O convidado

Botão-de-rosa

Os comensais

Cronologia

VIDA E OBRA DE MURILO RUBIÃO

Murilo Rubião nasceu em 1º de junho de 1916 em Carmo de Minas (MG) e cresceu em um ambiente em que a literatura sempre esteve presente. Seu avô, Francisco Alves de Barros Rubião, escreveu um livro de memórias e outro de reflexões, e seu pai, Eugênio Álvares Rubião, era filólogo, poeta e membro da Academia Mineira de Letras. Foi nos tempos de estudante, na vasta biblioteca do pai, que Murilo tomou contato com a Bíblia e os clássicos da literatura mundial.

Depois de terminar o secundário em Belo Horizonte, ingressou na faculdade de direito da Universidade de Minas Gerais. Durante o curso, começou a se envolver com atividades relacionadas com a literatura, como a fundação da revista *Tentativa*. Também nesse período iniciou sua carreira jornalística, trabalhando no jornal *Folha de Minas* e na revista *Belo Horizonte*.

Além do jornalismo e da literatura, a vida profissional de Rubião seria marcada por sua atuação na burocracia no serviço público. Na verdade, durante boa parte de sua carreira, essas atividades estiveram relacionadas, pois ele ocupou cargos importantes como diretor de rádios e jornais públicos. Um momento particularmente significativo foi a criação, na Imprensa Oficial, do *Suplemento Literário*, tido como uma das mais prestigiosas publicações do gênero no país. Mesmo em cargos essencialmente burocráticos, Murilo Rubião obteve destaque, já que ocupou a chefia de gabinete de Juscelino Kubitschek, governador de Minas Gerais e futuro presidente do Brasil, e foi, entre 1956 e 1960, chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil em Madri, na Espanha.

A produção literária de Murilo Rubião começou com o autor ainda jovem e prolongou-se por toda a sua vida. Escreveu seu primeiro conto aos dezenove anos e já em 1939 tentou publicar, sem sucesso, seu primeiro livro. À medida que ia sendo recusado pelas editoras, ele foi

acrescentando novos textos à sua obra e alterando outros. Só em 1947 conseguiu publicar *O ex-mágico*, que reunia quinze contos. Seis anos depois, foi lançado *A estrela vermelha*, com cinco contos inéditos. Em 1965, publicou *Os dragões e outros contos*, que trazia nove histórias inéditas e doze textos reescritos, procedimento que se tornaria uma constante na obra do autor. O sucesso de público e de vendas só viria em 1974 com o lançamento de *O pirotécnico Zacarias* e *O convidado*. Antes de morrer, em 1991, escreveu outros dois livros de contos, *A Casa do Girassol Vermelho* e *O homem do boné cinzento* e outras histórias. Seus livros foram traduzidos para o inglês, alemão, tcheco e espanhol, além de diversos contos seus terem sido publicados em países como Canadá, Colômbia, Polônia, Portugal e Itália.

Embora seus livros tenham começado a ser publicados há mais de cinquenta anos e sido elogiados por importantes escritores e críticos, a obra de Murilo Rubião ainda é pouco conhecida dos leitores brasileiros. Um dos motivos pode ser o fato de ele ter se dedicado basicamente a contos, cerca de cinquenta em toda a sua vida, e trinta e três deles selecionados para seus livros. Outra questão é que seus textos costumam causar um estranhamento inicial por mesclar o real e o fantástico de maneira pouco comum na literatura brasileira. Quer esses fatores tenham ou não impedido que a obra do autor se disseminasse com mais facilidade, é fundamental perceber como eles são decisivos para compreender os contos desse escritor mineiro.

Costuma-se atribuir a pouca produção de Murilo Rubião ao trabalho meticuloso com a linguagem, a uma busca obsessiva pela palavra exata, pela clareza do texto, pelo correto encadeamento dos fatos. Não é à toa que ele tenha reescrito e republicado muitos de seus textos ao longo da vida e, em casos como o do conto “O convidado”, tenha demorado mais de vinte anos para terminá-lo. Esse trabalho árduo não era um capricho do autor. O cuidado extremo com a linguagem tornou-se fundamental para entender a essência de sua obra: a maneira como o fantástico aparece nos contos.

Antes de enveredar por esse caminho, é necessário entender o que é exatamente esse fantástico que permeia a obra de Rubião. Quando pensamos vulgarmente nessa palavra, fantástico, é natural a associarmos

à ideia de fantasia, de algo imaginário e sem conexão com a realidade cotidiana. Em literatura, contudo, essa é uma conceituação mais complexa. O crítico búlgaro Tzvetan Todorov faz uma das distinções mais aceitas atualmente no meio literário ao contrapor o fantástico ao maravilhoso. Este último pressupõe a aceitação de outra realidade, com regras próprias e muito diferentes das nossas. É o caso, por exemplo, dos contos de fadas. Já o fantástico seria “uma hesitação experimentada por uma criatura que não conhece senão as leis naturais, perante um acontecimento de aparência sobrenatural”. De acordo com essa definição, seria possível encontrar explicações racionais para o inusitado. Uma história que ilustra bem isso é *Alice no país das maravilhas*, de Lewis Carroll, em que a personagem-título, depois de viver aventuras malucas em um mundo igualmente maluco, é acordada pela irmã e descobre que tudo não passou de um sonho.

Infelizmente, por mais didática que seja, essa distinção de Todorov não abarca o fantástico tal como ele aparece na obra de Murilo Rubião, pois um dos aspectos mais impactantes de seu trabalho é a falta de hesitação dos personagens e dos narradores diante das situações fantásticas. Em outras palavras, por mais que habitem a realidade cotidiana, eles não se espantam nada com os absurdos que vivenciam no fantástico. No conto “Teleco, o coelhinho”, por exemplo, o narrador conversa com um coelho na maior naturalidade, sem a admiração que Alice demonstra em suas experiências fantásticas no país das maravilhas. É por isso que os contos de Rubião causam tanto incômodo e estranhamento nos leitores. Além de não haver explicações racionais, os acontecimentos mais extraordinários não provocam rupturas importantes na narrativa. Ao contrário, costumam ser aceitos como parte natural do cotidiano. Tal aspecto fica mais do que nunca evidente nas primeiras linhas de “Os dragões”, quando em sua primeira frase o narrador declara de pronto: “Os primeiros dragões que apareceram na cidade muito sofreram com o atraso dos nossos costumes”. O período é construído de tal forma que o efeito de estranhamento se desloca do aparecimento de seres fantásticos na cidade para o atraso de seus moradores.

É nesse sentido que a linguagem adquire papel fundamental na construção do fantástico na obra de Murilo Rubião, já que seu rigor e sua clareza nos dão uma falsa sensação de segurança, sempre ameaçada pelo surgimento de dragões, coelhos falantes, edifícios cujas construções jamais terminam etc. Ao contrário do que possa parecer a princípio, a objetividade dessa linguagem acaba por intensificar o efeito fantástico, como também ocorre com a ausência de espanto não só dos personagens como também do narrador. Afinal, diante do desconhecido, do extraordinário, esperam-se reações perplexas, expressas por meio de construções verbais desorientadas. Consciente desse processo, Rubião chegou a afirmar em uma entrevista que se fizesse um trabalho com a linguagem focado “nas palavras impregnadas de símbolos ou concebidas em laboratório”, seus textos resultariam extremamente herméticos.

O fantástico em Murilo Rubião mostra-se sintonizado com as mudanças pelas quais o gênero passou a partir do século XIX. Até então, sua presença na literatura estava associada à criação de outras realidades, de lugares muito diferentes daqueles que estamos habituados. Conforme a ciência, o capitalismo e a tecnologia foram se estabelecendo e o mundo foi se tornando menos misterioso e encantado, também o fantástico passou a retratar o homem moderno, o homem submetido a um mundo cada vez mais complexo cujo funcionamento ele não é mais capaz de compreender. Assim, os acontecimentos absurdos presentes nos textos acabam por denunciar o absurdo da condição humana. Dessa maneira, Franz Kafka, um dos precursores do gênero no século XX, concebe, no conto “A metamorfose”, um personagem que acorda transformado em uma barata e, no romance *O processo*, um homem que é preso e processado por um crime jamais conhecido. Nos contos de Murilo Rubião também predomina essa visão pouco otimista do ser humano no mundo, dirigida ou a questões mais contemporâneas ou àquelas mais universais. No primeiro caso, no conto “O ex-mágico da Taberna Minhota” o narrador vê seus poderes mágicos desaparecerem depois que ele se torna um funcionário público submetido à tediosa e insensata rotina do trabalho burocrático. Do outro lado, há o exemplo de “Alfredo”, que trata da busca por algum sentido na existência humana.

Essa relação com Franz Kafka foi apontada pela crítica logo que o primeiro livro de Murilo foi publicado. Porém, o próprio escritor mineiro sempre deixou claro que só tomou contato com a obra de Kafka depois de já ter escrito seus primeiros contos. A grande influência admitida por Murilo Rubião foi Machado de Assis, que no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas* já explorava as fronteiras do fantástico ao criar um narrador morto que contava sua história do além-túmulo. Ainda assim, ao contrário do que ocorreu na Europa e em outros países da América Latina, esse gênero foi pouco representativo na literatura brasileira do século XIX. Mesmo no século XX, apesar de ser praticado sistematicamente por escritores como Murilo Rubião e J. J. Veiga, não alcançou a dimensão e o reconhecimento que autores responsáveis pelo surgimento do realismo fantástico latino-americano, como Gabriel García Marquez, Jorge Luis Borges e Julio Cortazar, conseguiram mais tarde. Enquanto os três últimos davam continuidade a uma tradição presente na literatura hispânica, Rubião, ao surgir, é praticamente uma exceção no panorama literário brasileiro, mais preocupado em investigar o país, sua sociedade e sua cultura do que em se aventurar pelo universo do absurdo. Murilo Rubião, influenciado pela Bíblia, pela mitologia grega e por Machado de Assis, acaba se tornando um precursor da literatura fantástica no Brasil, mesmo tendo pouco contato com outros autores do gênero.

Mesmo com pouca tradição em que se apoiar, a maestria de Murilo Rubião no trato do fantástico revela-se em múltiplas dimensões. Ao longo dos mais de trinta contos que compõem esta antologia, é difícil achar um padrão, uma maneira esquemática de apresentar aos leitores seu universo. Em obras como “Os dragões”, “Teleco, o coelhinho” e “O pirotécnico Zacarias”, o absurdo se estabelece já nos primeiros parágrafos. No caso deste último, o narrador inicia afirmando que ninguém na cidade, nem ele, tem certeza se ele está vivo ou morto. O mais comum é que o fantástico vá se introduzindo aos poucos na trama. Em “O convidado”, é gradualmente que o convite a uma festa misteriosa vai dando lugar a acontecimentos disparatados. Da mesma maneira, em “A fila”, o que parece inicialmente ser apenas mais um inconveniente burocrático (esperar para ser atendido) torna-se um

pesadelo sem fim. Há também contos em que o fantástico apresenta-se bastante atenuado, como “Elisa” e “O bom amigo Batista”. Neste último, por exemplo, o narrador acredita nas boas intenções de seu amigo Batista até o fim, apesar de todas as evidências contrárias. Embora essa crença ultrapasse qualquer limite, não há nenhum fato extraordinário que desafie a percepção do leitor.

Outro elemento essencial na obra do escritor são as epígrafes, em geral citações de autores que ajudam a introduzir, contextualizar e compreender melhor o texto que segue. Murilo Rubião diferencia-se no uso das epígrafes por adotá-las em todos os seus contos e utilizar-se quase exclusivamente de trechos bíblicos. Em sua obra, as epígrafes antecipam temas, situações e ideias presentes no enredo e, comumente, ganham novos sentidos depois de lidos os contos. Também é importante ressaltar que, embora retiradas da Bíblia, não há nelas conotação religiosa. Sua função está mais relacionada com apontar ao leitor que, embora se retratem ali seres e acontecimentos particulares, a intenção é universalizar, abordar o homem em suas dimensões mais amplas. Em “Teleco, o coelhinho”, a epígrafe nos permite perceber que por trás da história de um ser que se metamorfoseia continuamente em busca de uma identidade, está uma reflexão sobre “o caminho do homem na sua mocidade”.

Apesar de pouco extensa, a obra de Murilo Rubião é extremamente rica e complexa. Aqueles que se aventurarem em suas criações, em que fantasia e realidade caminham lado a lado, entrarão em contato com um trabalho inovador e ousado de criação literária, e vislumbrarão o que há de mais essencial no ser humano.